



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

## A INDISCIPLINA NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Thaís Janine Bruno

Márcia Regina do Nascimento Sambugari

UFMS/CPAN

**RESUMO:** Aborda-se nesse texto a pesquisa que investigou como professoras alfabetizadoras pensam e lidam com a indisciplina no contexto do trabalho pedagógico em turmas de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Corumbá, MS. As questões que permearam o estudo foram as seguintes: qual a percepção de indisciplina e de alunos indisciplinados? De que forma os momentos de brincadeiras são planejados? Com abordagem qualitativa, o estudo contou com a realização de entrevista com duas professoras que atuam no 1º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Corumbá, MS. A análise dos dados indicou muitas inquietações sobre a temática, evidenciando algumas preocupações, tais como o peso dado à culpabilização das famílias pelas professoras, atribuindo a elas a maior parcela pelos alunos indisciplinados. Outro aspecto refere-se ao brincar nos anos iniciais que ainda é visto de forma distorcida, não havendo compreensão de que tal processo, além de fazer parte da identidade da criança tem papel histórico e cultural, pois em dado momento ele visto por uma das professoras como expressão total da euforia e pela outra como controle de comportamento. A realização desse estudo suscitou, portanto, a necessidade de abrir espaços de discussão tanto na formação inicial, nos currículos dos cursos de Licenciatura, quanto nas ações de formação continuada, oferecidas aos professores da rede pública de Corumbá, MS sobre a indisciplina, sem perder de vista as especificidades da criança de seis anos no contexto do Ensino Fundamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina; Prática pedagógica; Brincar.

### INTRODUÇÃO

O presente texto aborda a pesquisa que teve como objetivo investigar o modo como professoras, que atuam em turmas do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, percebem a indisciplina em sala de aula, numa escola da rede municipal de ensino de Corumbá, MS. O contato com as turmas de alfabetização despertou principal atenção por perceber que há alunos que fogem ao padrão do “aluno obediente”, definidos pelos professores como aqueles que não conseguem, por algum motivo, fazer suas lições; não acompanham o ritmo na grande maioria da turma; tem



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

dificuldades na escrita e na leitura; são chamados a atenção inúmeras vezes por dispersarem; apresentam comportamentos que transformam o ambiente da sala de aula, manipulam seus colegas, respondem aos professores, tornam-se desafios para o professor que em muitos casos acabam rotulando os mesmos como indisciplinados.

No contato com o cotidiano da escola pública durante o período de estágio foi possível observar os educadores, em conversas informais no momento de hora atividade, relatarem e trocarem informações sobre esses comportamentos demonstrando o quanto abominam e não conseguem dominar a turma por apresentar tais características.

Ao presenciar a realidade da sala de aula, a visão de educação amplia-se, o cotidiano da sala de aula com os estágios e práticas nos leva a configurar a sala de aula como laboratório de pesquisa, assim também leva-nos a refletir sobre a formação inicial quando pouco se aborda sobre a temática indisciplina, indagando, assim, sobre como de fato um determinado comportamento pode ser denominado como tal.

Vivenciando o dia a dia das turmas de alfabetização observei que muito dos comportamentos ditos “maus”, poderiam ser evitados se no olhar dos professores houvesse a compreensão que cada indivíduo possui seu contexto e singularidades. O espaço e a maneira como aulas irão acontecer agora é diferente do habitual na Educação Infantil onde a lousa e as carteiras enfileiradas não existiam. A grande maioria dos professores centraliza suas práticas de forma mecânica usando o passar no quadro, folhas fotocopiadas com atividades semi-prontas, maximizam o tempo dentro da sala de aula o que não haveria problema se não houvesse tanta repetição, o que em muitos casos desperta no aluno a falta de vontade frequentar a escola.

As turmas de 1º Ano do Ensino Fundamental de uma escola selecionada é o público alvo que acaba de sair da Educação Infantil onde o espaço do brincar e da ludicidade esteve em maior evidência. Agora eles necessitam ler, escrever, copiar, fazer contas e em muitos momentos não restam a eles o brincar o lazer e ludicidade, e na maioria das salas de aula as atividades são monótonas e tradicionais, levando os mesmos a “infringir” as regras na busca por momentos de brincadeiras.

Deste modo buscamos compreender o que de fato é a indisciplina para os professores alfabetizadores que atuam nesse contexto? Quais são esses comportamentos



ditos por eles como indisciplina? Como eles solucionam tais comportamentos durante suas práticas?

Assim abordamos, na análise dos dados, o que esses educadores têm a nos retratar sobre a temática indisciplina, o que pensam e como lidam com a indisciplina na sua sala de aula. Dessa maneira, o objetivo geral consistiu em investigar as dificuldades dos professores alfabetizadores de uma escola da rede municipal de ensino de Corumbá, MS em lidar com a indisciplina em sua prática em sala de aula. Como objetivos específicos buscamos levantar as principais queixas dos professores sobre indisciplina e, compreender como os educadores lidam com a indisciplina em sua aula e no ambiente escolar.

## **A INDISCIPLINA NA ESCOLA: SITUANDO A PROBLEMÁTICA**

Para discutirmos o assunto indisciplina precisamos antes compreender significado deste termo o que ele carrega e segundo Estrela (2002):

De origem latina e tendo a mesma raiz que discípulo, o termo disciplina é marcado pela sua polissemia. Se consultarmos um dicionário, verificaremos que o termo, além de designar um ramo do conhecimento ou matéria de estudo, tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição. dor. Instrumento de punições. direcção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem na colectividade; obediência a essa regra. Essas conotações tendem a interpretar-se e, hoje, quando falamos de disciplina, tendemos não só a evocar as regras e a ordem delas decorrente, como sanções ligadas aos devidos e o conseqüente sofrimento que elas originam; por isso, para muitos o conceito adquiriu um sentido algo pejorativo (p. 17).

Mas como a indisciplina está relacionada dentro da escola, como então identificamos esse tipo de comportamento na sala de aula? A esse respeito Pirola e Ferreira (2007) ressaltam que:

[...] se entende por indisciplina aqueles comportamentos em sala de aula que, conforme relatam muitos professores, perturbam e afetam de forma prejudicial o ambiente de aprendizagem. De acordo com a literatura da área, os comportamentos mais apontados pelos professores como sendo indisciplinados incluem condutas e atitudes, como agressividade física - brigas, empurrões, bater no colega, e agressividade verbal - palavrões, xingamentos, ofensas, ameaças, falta de respeito (p. 85).

As autoras assinalam, ainda, que “[...] a indisciplina em sala de aula representa um conjunto de comportamentos que perturbam o ambiente de aprendizagem de uma



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

escola orientada para outros valores e procedimentos” (PIROLA; FERREIRA, 2007, p. 85). Bruno (2018) ressalta que:

[...] tais comportamentos podem ter origem no contexto social, ou seja, o cotidiano, a forma como os indivíduos se comportam e interagem são fatores que constituem as características individuais, sendo assim produzem voluntariamente, ou não, diferenças que muitas vezes podem levar a atritos (p. 2).

O aluno indisciplinado, em grande parte, não entende que a maneira como se manifesta pode surtir efeito negativo na sua aprendizagem, como podemos observar na perspectiva de Oliveira, (2009):

[...] o aluno indisciplinado é aquele que não desenvolveu a autodisciplina, que não tem consciência dos efeitos do seu comportamento para o seu aprendizado, que não consegue discernir o certo do errado, que não respeita os princípios da democracia em um ambiente social e que, em consequência disso, acaba agindo de forma irresponsável, atrapalhando o andamento das aulas com atos de desrespeito, vandalismo e agressão (p. 291).

Ao buscar sobre a temática encontramos grande dificuldade em identificar textos sobre o assunto indisciplina na visão do professor alfabetizador, retratando o que Aquino (2016) apresentou em seu artigo acerca das lacunas na pesquisa sobre indisciplina. Segundo o autor:

Seria possível afirmar com razoável margem de segurança, que a indisciplina apesar de figurar como uma das queixas predominantes dos profissionais da educação e, ao mesmo tempo como um índice razoavelmente fidedigno da atmosfera micropolítica das escolas, não consiste em uma preocupação explícita entre os pesquisadores do campo. Mostra disso é o fato de 35 textos rastreados nas quase duas décadas analisadas se espalham por 24 periódicos diferentes. Ou seja, a maioria deles contou com apenas um texto sobre o tema no intervalo temporal em tela, embora, tal como já mencionado, a questão disciplinar desponte de modo lateral ou circunstancial em uma variedade de outros textos (AQUINO, 2016, p. 668).

Para a realização da pesquisa utilizamos o documento orientador do Ministério da Educação (MEC): “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade”, organizado por Beauchamp, Pagel e Nascimento (2007). Uma das primeiras questões levantadas pelo documento trata-se da infraestrutura da escola para receber tal público o que leva a indagar se de fato cumprem com os estabelecidos, uma vez que a realidade escolar é de lugares abandonados, móveis sucateados, salários desvalorizados, etc.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

O documento reconhece o brincar como parte constituinte deste público, e deve estar presente nas atividades, na organização e proposta do professor. Para Corsino (2007):

É importante que o(a) professor(a) pense nas crianças como sujeitos ativos que participam e intervêm no que acontece ao seu redor porque suas ações são também forma de reelaboração e de recriação do mundo. Nos seus processos interativos, a criança não apenas recebe, mas também cria e transforma – é constituída na cultura e também é produtora de cultura. As ações da criança são simultaneamente individuais e únicas porque são suas formas de ser e de estar no mundo, constituindo sua subjetividade, e coletivas na medida em que são contextualizadas e situadas histórica e socialmente. Agimos movidos por intenções, desejos, emoções provocados por outras ações realizadas por nós mesmos ou por outros num *continuum* de simbolizações (p. 62).

Partindo dessa perspectiva, a criança dentro da sala de aula está em constante processo de aprendizagem e as brincadeiras contribuem para o processo de ensino aprendizagem, e principalmente como formas de expressão, euforia, sem cobrança, inconscientemente estão aprendendo não conteúdos programados no currículo, mas a esperar sua vez, trabalhar em equipe, etc.

## PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa de cunho qualitativo, entendemos que o estudo é descritivo e, também, exploratório por caracterizar “[...] a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa” (GIL, 2009, p. 61).

Para a produção dos dados realizamos entrevistas com roteiro semiestruturado, pois segundo Duarte (2004):

[...] são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (p. 215).



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Tomando as orientações da autora, realizamos, primeiramente, uma entrevista piloto com uma professora voluntária da escola selecionada para verificar se as perguntas estavam claras e de fácil acesso. Após constatarmos que o roteiro estava compreensível partimos para a realização da entrevista com os sujeitos que foram duas professoras alfabetizadoras de turmas de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Corumbá, MS. A princípio participariam três professoras do 1º ano dessa escola, porém uma não aceitou participar informando que não havia interesse no assunto.

Essa situação nos suscitou a refletir sobre o papel do professor como colaborador no processo de melhorias para a educação. Quem melhor que o mesmo para apontar as problemáticas que acontecem nas instituições de ensino, assim como os resultados e pontos positivos? Assim, é de suma importância dar voz ao professor quando aceita participar das pesquisas.

Esse estudo contou com a assinatura do termo de autorização pela direção da escola para a realização da pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelas professoras que aceitaram participar. No dia da entrevista, a proposta desse estudo foi apresentada a cada uma das professoras, bem como a forma de registro que seria por meio de áudio para posterior transcrição, assegurando o sigilo dos sujeitos e da escola, em conformidade com a ética da pesquisa com seres humanos.

Após a transcrição das entrevistas partimos para a organização dos dados que foi realizada pelo agrupamento das questões em eixos de análise, conforme apresentado no quadro 01, a seguir:



IV Congresso de Educação do CPAN  
 III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
 'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

### Quadro 01: Organização dos dados obtidos com a entrevista

Eixos de análise	Questões
<b>Formação e atuação</b>	- Qual sua formação em nível superior? Qual o ano que concluiu o curso? Em que instituição cursou? - Há quantos anos você leciona? Você tem experiência na educação infantil? Há quanto tempo? - Há quanto tempo tem experiência em turmas de primeiro ano?
<b>Visão de Indisciplina</b>	Em sua opinião o que é a indisciplina?
<b>Alunos indisciplinados, com problemas de comportamento: possíveis motivos</b>	- Na sua turma possuem alunos com indisciplina? Em sua visão por que eles são considerados indisciplinados? - Durante o decorrer de suas aulas, você percebe algum comportamento negativo por parte do(s) aluno(s)? Se a resposta for positiva quais são eles? - Na sua turma existe aluno apático, pouco participativo, silencioso? Tais comportamentos podem em sua opinião ser considerados indisciplina?
<b>Momentos livres de brincadeira</b>	- Em suas aulas há momentos livres de brincadeira? Quais momentos e qual frequência?
<b>Indisciplina no processo de alfabetização e letramento</b>	- Em sua visão, a indisciplina atrapalha no processo de alfabetização e letramento? Por quê?
<b>Práticas para enfrentamento da indisciplina</b>	- Como você resolve os problemas de indisciplina através das suas práticas pedagógicas?
<b>Responsabilidade pelos comportamentos indisciplinados</b>	- Em sua percepção, os comportamentos indisciplinados são em sua maioria culpa da família, ou do contexto em que vivem? Há uma inversão de valores entre a escola e a família?

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras, 2019.

Após essa organização realizamos uma análise comparativa dos depoimentos das duas professoras sobre a temática indisciplina no contexto do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentamos a seguir a discussão dos dados, a partir da análise comparativa das respostas das duas professoras, tomando como eixo de análise as questões consideradas de maior relevância para a pesquisa, levando assim observação das opiniões, e percepção das professoras alfabetizadoras sobre o tema indisciplina.

Primeiramente apresentamos as professoras participantes desse estudo. Conforme a sistematização dos dados no quadro 02, ambas cursaram graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, tendo a Professora 1 concluído no ano de 2014 e a Professora 2 em 2005. Com relação ao tempo de atuação



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

em turma de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a Professora 1 possui cinco anos e a Professora 2 atua há 15 anos.

**Quadro 02: Formação e atuação das professoras alfabetizadoras**

<b>Formação/atuação</b>	<b>Professora 1</b>	<b>Professora 2</b>
<b>Formação inicial</b>	Pedagogia	Pedagogia
<b>Instituição de Formação</b>	UFMS/CPAN	UFMS/CPAN
<b>Atuação no 1º ano do Ensino Fundamental</b>	5anos	15 anos
<b>Atuação na Educação Infantil</b>	4meses	12 anos

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir dos dados da entrevista, 2019.

No quadro a seguir apresentamos a visão das duas professoras sobre o que é indisciplina.

**Quadro 03: Visão de indisciplina das professoras alfabetizadoras**

<b>Professora 1</b>	<b>Professora 2</b>
Indisciplina pra mim é aquele aluno, que não consegue seguir os combinados[...] É quando você não consegue participar daquele contexto da forma que ele é estabelecido, porque tem regras, elas tem que ser cumpridas, então, dentro da escola porque senão não funciona. Do mesmo jeito que eu tenho que cumprir a regra do meu superior, e lá em sala eu a professora e eles tem que me obedecer então se apático e não está participando, não quer fazer atividade também é considerado uma indisciplina pra mim.	Quem briga, não obedece ao professor.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir dos dados da entrevista, 2019.

Com relação à visão de indisciplina, a partir da análise do depoimento delas verificamos que para a Professora 1 os alunos indisciplinados são aqueles que não conseguem obedecer as regras e adaptar-se ao meio que a eles é imposto por algum motivo. Isso nos remete a Abramovay (2008) que assinala que:

As regras e as normas são instrumentos que regulam e regem procedimentos e atos, assumindo um caráter obrigatório acerca de uma determinada forma de comportamento, sendo utilizadas para que se mantenha a ordem escolar. Assim, valem-se de uma série de medidas formais, e até mesmo informais, para lidar com os possíveis conflitos que possam emergir no ambiente escolar, sendo pensadas para coibir ou minimizar ocorrências violentas. Tais medidas, para que possam surtir o efeito desejado, devem ser amplamente conhecidas, o que também não assegura que elas serão respeitadas e cumpridas (p. 5).



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Já no contexto da fala da Professora 2, o indisciplinado está ligado à violência física e verbal entre seus próprios colegas e seus professores. Para Boarini (2013) são aspectos que tem sido compreendido como violência na escola, pois:

A desatenção e conversas paralelas dos alunos durante as aulas, o atraso na entrada e a pressa para sair da escola, agressões verbais ou físicas aos colegas e, em alguns casos, a outros envolvidos na escola são queixas muito mais frequentes do que o esperado na instituição escolar. Desde a última década, as provocações verbais, pela intensidade e forma como se apresentam, passaram a ser entendidas como violência[...] (BOARINI, 2013 p.124).

No quadro a seguir apresentamos a visão das duas professoras sobre a presença de alunos indisciplinados em sua turma e quais os possíveis motivos.

**Quadro 04: Visão das professoras alfabetizadoras sobre alunos indisciplinados, com problemas de comportamento e possíveis motivos**

Professora 1	Professora 2
Eu tenho alguns alunos que eu já encaminhei, eu pedi uma orientação por conta da indisciplina mas eu acredito que eles tenham alguma necessidade especial, assim necessitam de algum atendimento, mas são indisciplinados porém eles estão em avaliação agora com neuropediatra, pra ver se é só um caso de indisciplina ou se eles têm um transtorno.	Em sala de aula? Preguiça mesmo, de não querer fazer, assim, de não fazer atividade, mas, fora negativo não tem muito não.
Sim, [...] eles também estão em avaliação de neuro pediatra para ver se a questão é de indisciplina mesmo, só a indisciplina ou se eles têm algum transtorno.	Que é bagunceiro que bate? Não
[...] Como eu te disse eles não seguem os combinados desrespeitam os professores, porém vou falar de novo pra ficar claro que estão em avaliação com a neuropediatra.	Não eu não considero indisciplina disso daí, isso daí e falta de estímulo.

**Fonte:**Elaborado pela autora, a partir dos dados da entrevista, 2019.

Para a Professora 1 existem alunos com indisciplina em sua turma, mas não soube precisar se de fato referem-se a comportamentos de rebeldia por insatisfação com algo dentro da instituição, sala de aula, com os seus colegas e/ou professores, ou se são reflexos por conta de possíveis necessidades especiais. Segundo Picado e Rose (2009):



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Nos últimos anos, verifica-se nas escolas uma crescente preocupação quanto às manifestações de agressividade e violência apresentadas por alunos de diferentes níveis de ensino. Os professores queixam-se do aumento de comportamentos anti-sociais, comportamentos agressivos, atitudes desafiadoras, desobediência, hiperatividade, não concentração nas tarefas e ausência de auto-regulação por parte dos alunos (p. 123).

Já a professora 2 aponta que não há alunos indisciplinados em sua turma, e sim, alunos com preguiça de fazer suas lições. Segundo Carvalho e Serpa (2006) as lições de casa são:

Como estratégia pedagógica tradicional, o dever de casa tem múltiplas finalidades: estender o tempo de aprendizagem, completar a quantidade de matéria que a professora deve cobrir, conectar o trabalho de classe precedente e subsequente, estimular hábitos de estudo independente (p. 32).

No quadro 05 estão sistematizados os relatos das professoras sobre os momentos livres para a brincadeira na organização da prática delas.

**Quadro 05: Momentos livres para a brincadeira na prática pedagógica das professoras alfabetizadoras**

<b>Professora 1</b>	<b>Professora 2</b>
Sim, geralmente eu começo a aula contando uma história, aí deixo eles brincarem um pouquinho livre, e também depois do recreio por conta de que eles vieram do pré da educação infantil, então eles têm essa necessidade de brincar, eles cansam muito. Então eles pedem eu deixo brincar livre, não eu não coloco assim?: “ah vamos brincar disso ou daquilo” Eles brincam, aí quando está ficando muito, assim, porque na minha sala tem muito mais meninos do que meninas, aí quando começa a ficar violento, bater e tal, aí eu dou ‘um pause’ neles. Todos os dias de manhã depois da acolhida, e um pouquinho depois do recreio pra descansar que eles brincam e correm muito daí eles brincam em sala.	Sim. [...] eu na verdade, a brincadeira que eu passo pra eles é assim manipulação de como é que fala? Bloquinhos, massinha, ou então eu dou o livro pra quem já terminando a atividade eu dou livrinho.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir dos dados da entrevista, 2019.

Com relação aos momentos de brincadeira, a Professora 1 compreende que os alunos da sua turma são um público que acabou de sair da Educação Infantil e que as brincadeiras ainda são presentes, assim deixa livre a expressão do coletivo nas



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

combinações de brincadeiras, mas também demonstra que usa de momentos de brincadeira para controlar a euforia depois do recreio, uma vez que as brincadeiras são feitas dentro da sala de aula. Quanto a Professora 2 usa de estratégias de manipulação de materiais prontos como livros de literatura infantil, blocos e massinhas de modelar. Na fala da mesma remete um brincar individualizado, uma vez que só quem já terminou recebe o livro para leitura, ao contrário da Professora 1 que deixa todos na sala de aula livres para brincar como achar melhor. Para compreender melhor o brincar nas turmas iniciais do Ensino Fundamental, Borba (2007) tece as seguintes provocações:

A brincadeira está entre as atividades frequentemente avaliadas por nós como tempo perdido. Por que isso ocorre? Ora, essa visão é fruto da ideia de que a brincadeira é uma atividade oposta ao trabalho, sendo por isso menos importante, uma vez que não se vincula ao mundo produtivo, não gera resultados. E é essa concepção que provoca a diminuição dos espaços e tempos do brincar à medida que avançam as séries/anos do ensino fundamental. Seu lugar e seu tempo vão se restringindo à “hora do recreio”, assumindo contornos cada vez mais definidos e restritos em termos de horários, espaços e disciplina: *não pode correr, pular, jogar bola* etc. Sua função fica reduzida a proporcionar o relaxamento e a reposição de energias para o trabalho, este sim sério e importante. Mas a brincadeira também é séria! E no trabalho muitas vezes brincamos e na brincadeira também trabalhamos! (p. 35, grifos no original).

No quadro a seguir está agrupado o relato das professoras com relação à percepção das professoras sobre se a indisciplina atrapalha no processo de alfabetização e letramento.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

#### Quadro 06: Visão das professoras alfabetizadoras se a indisciplina atrapalha no processo de alfabetização e letramento

Professora 1	Professora 2
Atrapalha muito, porque, assim, a criança não consegue ter quando ela é indisciplinada, ela não consegue ter essa relação da importância da leitura e da escrita. Ela pensa quando é indisciplinada, ela pensa que ela vem na escola só pra brincar. Então ela não tem aquela importância e aí a família, geralmente, da criança indisciplinada e aquela família que menos é na escola então a gente vê assim a necessidade e a importância de se trabalhar a indisciplina justamente porque ela reflete no alfabetizado é muito difícil o aluno indisciplinado aprender a ler aí a primeira série não reprova, passa pra segunda série sem saber ler, aí na segunda série com muita dificuldade talvez vai passar não sei depende do professor se vai passar ou não pra terceira e a fica aquela criança na quarta série como a gente vê que não lê. que não é pra acontecer a criança tem que já sair lendo da primeira série mas não acontece então a indisciplina é um dos fatores.	Sim, se a criança já é. Já tem uma bagagem dentro de casa negativa como que ela vai aproveitar aqui dentro da sala de aula, se ela já vem com aquela raiva, e vai sentar não vai prestar atenção não tem como.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir dos dados da entrevista, 2019.

É possível verificarmos, com a análise dos depoimentos, que ambas concordam que a indisciplina atrapalha no processo de alfabetização e letramento, o aluno quando indisciplinado atrapalha seu próprio desenvolvimento escolar, mesmo que ele não tenha compreensão desta situação, não consegue entender que leitura e escrita fazem parte de uma leitura de mundo. Cada uma das professoras traz a sua maneira, que o aluno indisciplinado na verdade é aquele que não possui interesse na escola. Segundo Stevanato *et al.* (2003), “[...] de modo geral, as crianças com dificuldades de aprendizagem e de comportamento são descritas como menos envolvidas com as tarefas escolares que os seus colegas sem dificuldades[...]” (STEVANATO, et al, 2003, p.67).

No quadro 07 constam os dados relativos à visão das professoras referentes às suas práticas para o enfrentamento da indisciplina em sala de aula.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

**Quadro 07: Práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras para enfrentamento da indisciplina em sala de aula**

Professora 01	Professora 02
<p>Agora eu comecei a trabalhar com eles um semáforo do comportamento, [...] estamos fazendo toda a semana, todo o dia na verdade, segunda a sexta eles estão olhando lá se eles estão no vermelho, se eles estão no amarelo que é intermediário, ou se estão no verde, o verde é ótimo. E aí na sexta feira eu dou alguma coisinha, uma bala, um chiclete, quando eu tenho dinheiro eu dou uma coisa melhor, quando não tenho vai bala, chiclete e, assim, como recurso pedagógico funcionou porque assim eu tive muito problema quando começou por conta de que eles queriam brincar. Saíram do Pré, dois da creche estavam brincando muito, então eles vieram com essa concepção de que o brincar era mais importante do que o estudar. Não que não seja, mas eles também tem que ter Geografia, História, porque a grade da primeira série É essa. É assim, e obrigatório, tem disciplina, então eles vieram assim. Aí nós começamos, usei como recurso pedagógico esse semáforo do comportamento e funcionou. Então assim, estamos utilizando ele agora no momento, essa é minha prática pedagógica. Mas, enfim, de acordo com a turma, da necessidade, se precisar eu trabalhar com recompensa eu trabalho, porque como eles são pequenos dá muito mais certo. Ah eu vou, vamos fazer isso, eu estou fazendo com eles receita agora, a gente está trabalhando receita. Então eu falo: se não comportar, se não seguir os combinados, não vai participar no dia que for fazer receita. Então também funciona essa questão de trabalhar com eles uma recompensa, eles têm melhorado bastante na questão do brincar, que eles copiam e antes eles queriam brincar, brincar e só brincar.</p>	<p>Quando a criança está atacada eu pego sento com a criança num canto e começo a perguntar. Muitas vezes eles começam a chorar, mas não falam o que está acontecendo, ou então levo pra coordenação né?!</p>

**Fonte:**Elaborado pela autora, a partir dos dados da entrevista, 2019.

A Professora 1 desenvolve estratégias didáticas para controlar os seus alunos, e também sistemas de recompensas, o que não deveria acontecer, uma vez que o sistema de recompensa acaba por trazer o aluno a obrigação de fazer suas atividades e comporta-se, pois no final da aula ele ganhará algo. Por outro lado é uma forma interessante de prender as crianças, não ideal, porque o mais apropriado deveria ser o aluno comportar-se e executar as suas lições porque a eles foi incumbido. Quanto a Professora 2, sua abordagem está mais centrada no diálogo entre ela e seu aluno, como



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

forma de descobrir a origem da insatisfação do mesmo, ou do mal comportamento. Em outros casos recorre ao auxílio da coordenação pedagógica para solucionar os problemas.

Estrela (2002) aborda sobre as recompensas, destacando que o professor atribui ao aluno no intuito de manter a ordem, pois neste momento há uma mudança na perspectiva da figura do professor que antes era visto como autoridade única e incontestável, agora faz-se necessário que o aluno compreenda que existem regras a serem seguidas, mas o mesmo deve entender e apropriar-se delas para fluir aprendizagem.

Os dados apresentados no quadro 08, a seguir apresentam a percepção das professoras acerca da responsabilidade quanto aos comportamentos indisciplinados.

**Quadro 08: Visão das professoras alfabetizadoras quanto à responsabilidade pelos comportamentos indisciplinados**

Professora 01	Professora 02
Há uma inversão é do contexto sim, né. A criança, ela é o que ela vê em casa, as atitudes dela refletem as atitudes de casa. É um problema também da escola porque nós temos que tentar de tudo né, nós somos profissionais, mas nós estudamos principalmente, como você sabe, você está numa universidade federal, na mesma que eu fiz e os professores sempre batem nessa tecla, que nós também temos que fazer diferente, nós temos que entrar em sala e tem que trabalhar a indisciplina, tem que chamar a família. É desgastante porque tem família que não quer participar, mas a gente tem que tentar, pelo menos a gente tentou pra quando chegar lá no final do ano, ah, mas fulano não está lendo, mas eu fiz de tudo. A gente não pode desistir do aluno, e eu acredito que o aluno indisciplinado é o que mais precisa do professor.	Sim, acho que sim, tem pais que são relapsos com a educação das crianças mesmo, agora assim eles querem jogar essa obrigação da família para a escola, né eu falo pra eles que eles tem que vir para escola pra prestar atenção, aprender a ler, escrever, ser amigo do outro, agora assim questão de educação mesmo aí é com os pais.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir dos dados da entrevista, 2019.

É possível verificar, com as análises, que as professoras apontam enfaticamente que os pais são os grandes responsáveis pela indisciplina dos seus alunos, e acaba desencadeando o papel da escola não só como transmissor dos conhecimentos científicos, mas como educador dos princípios básicos da moral e dos bons costumes que a própria sociedade impõe. A perspectiva trazida pela Professora 1 acerca do papel



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

da família e da escola nos remete ao enfoque colaborativo abordado Boarini (2013), ao ressaltar que:

Entender que o professor não faz da escola uma extensão do lar é outro ponto que merece revisão. São funções diferentes. O professor é preparado e especializado ao longo de um período para compartilhar com o aluno a produção e sistematização do conhecimento. É o que denominamos de profissionalização, que deve ser exercida em sintonia com as políticas públicas de educação. Até nossos dias não consta que, para exercer a função materna e paterna, obrigatoriamente os interessados devem passar por aprovação em cursos especializados para esse fim. Cada pai/mãe educa seus filhos e sobretudo das séries iniciais tinha que atender algum imprevisto estranho e sua formação, isso não o faz necessariamente substituto da função paterna/materna ou funções parentais. São atribuições diferentes, embora devam caminhar para uma mesma direção (p. 125).

Cada uma das professoras, à sua maneira, compreende que quando há falta de controle e intervenção dos pais são os professores que acabam suprimindo esta tarefa. Assim, educá-los para cidadania torna-se também incumbência dos professores, interferindo na identidade do profissional do educador, bem como em seu papel efetivo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao investigarmos como as professoras pensam e lidam com a indisciplina em sua prática observamos que há muitas inquietações sobre a temática, evidenciando a necessidade de que sejam discutidas na formação inicial nos cursos de Licenciatura como também nas ações de formação continuada oferecidas aos professores da rede pública de Corumbá, MS. Outra grande preocupação é com a culpabilização das professoras com as famílias atribuindo a elas a maior parcela pelos alunos indisciplinados.

O brincar nos Anos Iniciais ainda é visto de forma distorcida, não havendo a compreensão de que tal processo, além de fazer parte da identidade da criança tem papel histórico e cultural, um dado momento ele visto por uma das professoras participantes da pesquisa como expressão total da euforia e pela outra como controle de comportamento.

Embora apareça esporadicamente a temática indisciplina em teses, dissertações e artigos, pouco sabemos sobre a visão dos professores alfabetizadores, o que realmente pensam, como lidam em suas práticas e na relação com seus alunos levando, assim, a



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

uma abertura para uma pesquisa de maior amplitude no município de Corumbá-MS visto que apenas duas professoras participaram deste estudo.

Saber sobre a indisciplina propiciará ao professor, não apenas estratégias de como lidar com a situação, mas também maior profundidade, visto que alunos indisciplinados geralmente são os que mais necessitam da nossa compreensão, atenção e carinho. Faz-se necessário, portanto, trazer para a prática pedagógica, uma relação humanizada entre escola e aluno, assim os alunos estarão dispostos não somente a aprender, mas a sentir-se parte da instituição, levando-os a tornarem-se pessoas reflexivas com a sociedade e os problemas atuais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY . M. Escola e violências. **Revista Observare**, v. 4. Out., p.1-7, 2008. Disponível em: [http://www.ospba.org/wp-content/uploads/2012/11/escola\\_e\\_violencias\\_-\\_miriam\\_abramovay.pdf](http://www.ospba.org/wp-content/uploads/2012/11/escola_e_violencias_-_miriam_abramovay.pdf). Acesso em: 30 set. 2019.

AQUINO, J. G. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 664-692, 2016. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/3670/pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.

BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BOARINI, M. L. Indisciplina Escolar: uma construção coletiva. **Psicologia escolar e educacional**, v. 17, n.1, jan./jun., p. 123-131,2013. Disponível em: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=282328025013>. Acesso em: 07 ago. 2019.

BORBA, A. M.O brincar como um modo de ser e estar no mundo.In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D. ; NASCIMENTO, A. R.(org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 57-68. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 6 set. 2019.

BRUNO, T. J. A indisciplina na perspectiva de professores alfabetizadores: primeiras aproximações. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO CPAN – III SEMANA INTEGRADA DA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO, 3, Corumbá, UFMS/CPAN. **Anais...** 2018, p. 1-3. Disponível em: [https://cecpan.ufms.br/files/2018/12/P\\_24.pdf](https://cecpan.ufms.br/files/2018/12/P_24.pdf). Acesso em: 07 mai. 2019.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

CARVALHO, M. E. P.; SERPA, M. H.B. Dever de casa: visões de mães e professoras. **Olhar de Professor**, v. 9, n. 1, p. 31-46, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68490103.pdf> . Acesso em: 6 set. 2019.

CORSINO, P. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D. ; NASCIMENTO, A. R.(org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 57-68. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf/> . Acesso em: 29 abr. 2019.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica disciplina e indisciplina na aula**. 4. ed. Porto: Editora Porto, 2002.

GIL, A. C. **Modos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo; Atlas, 2009.

NAIFF, L. A., M. Indisciplina e violência na escola: reflexões no (do) cotidiano. **Educação Unisinos**. São Leopoldo, v. 13, n. 2, p. 110-116, maio/ago., 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449644449003>>. Acesso em: 20 maio 2018.

OLIVEIRA, M. I. Fatores psico-sociais e pedagógicos da indisciplina: da infância à adolescência. **Linhas Críticas**, v. 15, n. 29, jul./dez., p. 289-305 2009.

PICADO, J. R.; ROSE. T. M. S. Acompanhamento de pré-escolares agressivos: Adaptação na escola e relação professor-aluno. **Psicologia ciência e profissão**, v. 29, n. 1, p. 132-145, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a11>. Acesso em 30 set. 2019.

PIROLA, S. M. F.; FERREIRA, M. C. C. Os problemas da indisciplina dos alunos: um olhar para as práticas pedagógicas na perspectiva da formação continuada de professores. **Olhar do professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 81-99, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1489/1134>>. Acesso em: 20 maio 2018.

STEVANATO. I.S., LOUREIRO. S.R., LINHARES. M.B.M., MARTURANO. E.M. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, jan./jun., p. 67-76, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v8n1/v8n1a09.pdf>. Acesso em: 5set 2019.